

Théo Brandão: Precursor da Folkcomunicação¹

José Marques de Melo²

Resumo: Théo Brandão (1907-1981) destacou-se na cultura brasileira como médico e folclorista. No setor público alagoano, foi administrador educacional e cultural. Atuou também na imprensa periódica, fator que certamente influenciou no percurso feito através do campo comunicacional, sendo considerado um precursor da Folkcomunicação. Resgatar essa dimensão pouco conhecida da sua biografia constitui o propósito deste ensaio-depoimento.

Palavras-chave: Ciências da Comunicação. Jornalismo. Folkcomunicação. Alagoas. Theo Brandão

Abstract: Théo Brandão (1907-1981) gained recognition as Brazilian outstanding intellectual for his work in the fields of Medicine and Folklore. Besides the successful trajectory in the public service of the State of Alagoas as educational manager and cultural counselor, he also developed journalistic activities in the print press. This last performance would explain the contributions given to communication scholarship as a Folk Communication forerunner. The main purpose of this memory paper is just to explore data and to compare evidences in order to rescue that unknown episode of his biography.

Key words: Communication Sciences. Journalism. Folk Communication. Alagoas. Théo Brandão

1. Contextualização

Os peritos do labirinto taxonômico certamente não hesitam em classificar a Theo Brandão, a partir da formação acadêmica, no campo das Ciências da Saúde - “Medicina”, “Farmácia” -; podendo também incluí-lo no campo das Ciências Sociais - “Antropologia”, “Etnologia”, “Etnografia”, “Folclore” -, em razão do acervo bibliográfico.

Não é sem motivo que José Maria Tenório, seu biógrafo, depois de ter se aventurado pelo universo da “multiforme obra”, demonstrou frustração por não conseguir dimensioná-

¹ Comunicação apresentada ao "Seminário Théo Brandão e a Folkcomunicação", promovido pela INTERCOM, em parceria com a UFAL – Universidade Federal de Alagoas, Museu Théo Brandão, no dia 26 de janeiro de 2007, como atividade integrante da programação comemorativa dos 30 anos de fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM e do centenário de nascimento de Theo Brandão.

² Professor Emérito da Universidade de São Paulo, onde fundou o Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes. Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Alagoas, dirige atualmente a Cátedra UNESCO de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, presidindo a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM.

la completamente. Em conseqüência, ele justificava a atitude de outros discípulos do mestre alagoano, que desistiram de fazer o mesmo caminho, “depois de medir o tamanho da empreitada” (TENÓRIO, 1988: 11).

Existe na fisionomia plural de Théo Brandão, uma faceta que não tem sido devidamente reconhecida. Trata-se das suas incursões, ainda que conjunturais, pelo campo da comunicação. O propósito de contribuir para preencher essa lacuna é suficiente para justificar a proposta deste seminário, feita pela INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e acolhida pela UFAL – Universidade Federal de Alagoas, através do Museu Théo Brandão.

Na verdade, a iniciativa tem dupla motivação: histórica e afetiva. Histórica, porque a INTERCOM decidiu celebrar seus 30 anos de fundação, associando-se a efemérides que marcam a presença de intelectuais paradigmáticos no âmbito das ciências da comunicação. Afetiva, porque, sendo alagoano, o presidente da INTERCOM quis homenagear um dos mais lúcidos representantes do pensamento comunicacional caeté³.

Confesso que o gesto constitui uma retribuição simbólica pelos benefícios usufruídos na convivência intelectual com Theo Brandão, apesar de nosso contato ter sido episódico, de nossa convivência ter se realizado indiretamente. Tornei-me, ainda jovem estudante secundarista, leitor habitual dos artigos que ele estampava regularmente na “Gazeta” ou no “Jornal de Alagoas” e mais tarde no “Diário de Pernambuco”.

Meu aprendizado sobre o folclore alagoano tem a marca inconfundível das lições de Theo Brandão. Especialmente através dos livros “Folclore de Alagoas” (1949) e “Folguedos Natalinos de Alagoas” (1961). Em certo sentido, ele foi responsável pela minha identificação com a problemática da cultura popular brasileira, vivenciada durante a militância que exerci em Recife, no Movimento de Cultura Popular, nos “tempos de Arraes”, e pela adesão ao movimento folkcomunicacional desencadeado pelo Instituto de

³ O itinerário do pensamento comunicacional caeté encontra-se esboçado no capítulo 5 do meu livro *A esfinge midiática*, São Paulo, Paulus, 2004, p. 69-86. Existe ali referência explícita ao protagonismo de Théo Brandão no episódio de instituição do curso de comunicação da UFAL, tal como aqui se documenta. Contudo, sua ausência, bem como de outros estudiosos, entre os pensadores listados, explica-se pelo critério ali adotado, ou seja, focalizar exclusivamente os exegetas da comunicação midiática. Permanece como desafio a ser enfrentado pelos historiadores das ciências da comunicação em Alagoas o inventário dos intelectuais que pensaram os demais fenômenos da área, ou seja, as formas de comunicação inter-pessoal e grupal, inclusive os folkcomunicacionais.

Ciências da Informação - ICINFORM, nos "tempos de Beltrão"⁴.

Mencionei dois encontros com Théó Brandão. Eles ocorreram no biênio 1971-1972, durante sua gestão como Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da emergente Universidade Federal de Alagoas - UFAL. O primeiro se deu em Maceió em 1971 e o segundo em São Paulo em 1972, se não me falha a memória.

2. Na trilha do ensino de comunicação

Vou começar a narrativa pelo segundo encontro, pois ele ajuda a entender a contribuição de Theo Brandão para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa comunicacional em Alagoas.

Certo dia, quando ocupava o cargo de Diretor do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo - USP, recebo telefonema do gabinete do Professor Manuel Diegues Jr., no Ministério da Educação e Cultura, solicitando uma audiência especial ao Dr. Theo Brandão, da Universidade Federal de Alagoas. Apesar de mergulhado na conclusão da minha tese de doutorado, respondi afirmativamente. Deduzi, pela estatura do mediador, que a missão por ele desempenhada era muito importante para Alagoas. No dia seguinte, recebi o visitante, que eu tanto admirava como leitor.

O que pretendia Théó Brandão? Conhecer o projeto pedagógico do curso de Jornalismo da USP, com vistas à criação de carreira semelhante na UFAL. Expliquei sumariamente as nossas estratégias de ensino, detalhei a grade curricular, descrevendo também o funcionamento da infra-estrutura laboratorial. Mas ele não se satisfez, engendrando uma bateria de questões sobre a parte operacional do curso. Estava impressionado com as diretrizes vigentes, nas quais percebeu identidades com a formação em medicina, tendo em vista a ênfase experimental que adotamos desde o início. Depois fizemos demorada peregrinação pelos laboratórios, oficinas e agências, onde ele fez perguntas minuciosas sobre custos, equipamentos, insumos etc. Anotava tudo como se

⁴ O pano de fundo desse entreato da minha trajetória intelectual está esboçado no artigo-depoimento "Nos tempos da gloriosa", publicado na *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, vol. XX, n. 2, São Paulo, INTERCOM, 1997, p. 13-28, também reproduzido na coletânea organizada por Roberto Benjamin – *Itinerário de Luiz Beltrão*, Recife, UNICAP, 1998.

estivesse numa pesquisa de campo.

Antes de sair, Theo explicou que estava contando com o apoio de amigos influentes no MEC para a criação do Curso de Comunicação em Alagoas. Tal compromisso fora assumido pela Reitoria da UFAL junto às entidades representativas da imprensa alagoana, cabendo ao IFCH a tarefa de encaminhar o pedido de autorização, abrigoando o curso depois de fundado. Tendo sido o padrão USP replicado em várias universidades brasileiras, ele queria certificar-se da sua natureza para tomá-lo como modelo. Entretanto, deixou escapar ceticismo sobre a viabilidade imediata do projeto. A universidade estava em processo de transição, dispondo de escassos recursos para infra-estrutura. Sua esperança repousava nos ombros das autoridades federais, das quais esperava a liberação de verbas suplementares, inclusive para contratar a equipe docente.

Apesar do empenho de Theo Brandão, frustraram-se as expectativas no âmbito federal, naquele momento. O Curso de Comunicação da UFAL só veio a ser inaugurado em 1979, quando ele já estava aposentado.

Volto à narrativa do nosso primeiro encontro, em 1971, por ocasião do I Seminário Nordeste de Comunicação, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas, com o apoio do Governo Estadual.

Torna-se indispensável explicar a conjuntura, para melhor compreensão dos fatos. Refiro-me ao período posterior a 1969, quando entra em vigor a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista. Nessa ocasião, os sindicatos da categoria desencadeiam ofensiva nacional para criar cursos superiores nas regiões onde inexistissem carreiras dessa natureza, evitando a invasão dos jornalistas provisionados .

Em Alagoas, o Sindicato inicia campanha destinada a sensibilizar os dirigentes da UFAL no sentido de criar um curso específico. Alvo principal do movimento, o Reitor Nabuco Lopes passa a ser cortejado pelas lideranças jornalísticas estaduais.

Em dezembro de 1971, ocorre o referido Seminário de Comunicação. Mediante essa estratégia, os sindicalistas queriam atrair para Maceió jornalistas reconhecidos nacionalmente, que fortalecessem a idéia de formar jornalistas na universidade. Para tanto, os organizadores promoveram, antes ou depois das palestras, colóquios entre as personalidades visitantes e as autoridades da UFAL.

José Otavio da Rocha, Valmir Calheiros, Mario Lyra e Luis Tojal – líderes da corporação jornalística alagoana – agendaram meu encontro com o Reitor para que endossasse aquela tese. Pediram também que expusesse as diretrizes vigentes na USP, cujo curso fora implantado sob a minha direção. Por via das dúvidas, convidei Luiz Beltrão, outro conferencista que já estava em Maceió, para participar da entrevista, pois considerava oportuno, conveniente e mais eficaz o seu depoimento.

Foi ali que conheci Theo Brandão, então acompanhando o Reitor Nabuco Lopes na audiência. Ele acabara de assumir o cargo de Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas do complexo de ensino superior que deu origem à UFAL. Sendo aquele o lócus natural do curso induzido pela corporação profissional, Théo também passou a sofrer o assédio das lideranças jornalísticas. Mas, no seu caso, tornou-se desnecessário argumentar exaustivamente.

A experiência como colaborador regular da imprensa (local, regional e nacional) certamente contribuiu para sua imediata adesão ao projeto do curso de jornalismo. Em função disso, no início do ano seguinte, ele se dirigia ao triângulo Rio - São Paulo – Brasília, tentando viabilizar institucionalmente o novo curso, cuja efetivação ficou postergada até o final da década de 70, como antes ficou anotado.

Se não logrou implantar o ensino de comunicação na UFAL, Théo Brandão demonstrou clarividência suficiente para respaldar, com a autoridade intelectual de que desfrutava na sociedade alagoana, o desenvolvimento dessa promissora área de conhecimento. Patrocinou sua legitimação perante o claustro universitário, cujas decisões, quase sempre corporativas, são pouco receptivas aos novos campos do saber.

Fica, portanto, uma pista para os historiadores do ensino superior em Alagoas. É preciso desvendar as circunstâncias que retardaram a presença do campo comunicacional na universidade pública.

3. Na trilha da pesquisa folkcomunicacional

Durante o nosso primeiro encontro, ocorrido no gabinete do Reitor Nabuco Lopes, agendado pelo Sindicato dos Jornalistas, Theo Brandão foi apresentado a Luiz Beltrão. Ele imediatamente fez a associação entre o Beltrão fundador do pioneiro curso de jornalismo

em Pernambuco e o Beltrão fundador da disciplina científica denominada folkcomunicação.

Demonstrando interesse em conhecer melhor as hipóteses de trabalho do autor de "Comunicação e Folclore", ele participou do encerramento do seminário, comparecendo à conferência proferida por Luiz Beltrão. Mais do que isso: sugeriu a José Otávio da Rocha que convidasse o grupo para jantar num restaurante típico do Trapiche. E nos intervalos do repasto, privilegiou o diálogo com o pesquisador pernambucano radicado em Brasília, ouvindo uma síntese explicativa sobre a teoria e a metodologia da folkcomunicação, expondo idéias, conferindo pontos de vista.

Quando estive na USP, no ano seguinte, Theo Brandão voltou a manifestar curiosidade pela pesquisa folkcomunicacional.

Ofertei-lhe então uma coleção dos volumes sobre a matéria, reunindo ensaios que eu selecionara para publicação através da "Editoria de Textos", embrião da Editora COMARTE, editora-laboratório do Curso de Editoração da ECA-USP. Entre eles estavam os seguintes títulos:

- 1) *Folkcomunicação* – antologia composta por ensaios clássicos de Luiz Beltrão, Câmara Cascudo, Ariano Suassuna, Clarival do Prado Valadares, Roberto Pontual, José Maria Tavares de Andrade, Mauro Mota, Mauro de Almeida, Hernani Donato e Claude Lévi-Strauss.
- 2) *Cordel e comunicação* – coletânea de artigos escritos por Roberto Benjamin, Alceu Maynard de Araújo, Luiz Santa Cruz e Orígenes Lessa.
- 3) *Literatura de cordel* – dossiê formado por estudos de Cavalcanti Proença, Renato Carneiro Campos, Manuel Diegues Jr. e do próprio Théo Brandão.
- 4) *Análise de conteúdo da literatura de cordel* – pesquisa realizada por Alice Mitika Kohsyama sob a minha orientação.

Sugeri que muitos dos seus trabalhos perfilavam típicos estudos de folkcomunicação, não apenas pela ancoragem temática, mas pelo tratamento conteudístico. Era o caso da monografia "As cheias de Alagoas e a literatura de cordel", que eu tomara a iniciativa de incluir na publicação *Literatura de Cordel*. Ele assentiu gentilmente, prometendo ler as publicações e refletir sobre a questão proposta.

Inventariando sua obra *a posteriori* é possível confirmar aquela hipótese. Basta tomar amostra representativa das duas antologias "Folclore de Alagoas I" (1949) e

"Folclore de Alagoas II" (1982) para perceber que, dos 40 artigos ali reunidos, 32 encaixam-se perfeitamente na tipologia folkcomunicacional. A grande maioria pertence ao universo da "folkcomunicação oral" (20): *poesia, contos, trovas, advinhas*. Parcela expressiva situa-se no âmbito da "folkcomunicação cinética" (7): *reisados, maracatus, pastoris, frevo*. Registram-se ainda incursões pelos domínios da "folkcomunicação escrita" (3) - *romances, xácaras, cordel*, "folkcomunicação visual" (1) - *lapinhas* e "folkcomunicação icônica" (1) - *artesanato*. Os textos restantes tratam de fatos folclóricos extra-comunicacionais - medicina folclórica, folclore agrícola, teoria do folclore. (Anexo 1)

Retornando ao nosso encontro em São Paulo, menciono um detalhe: ele ficou surpreso ao saber que os alunos interessados em estudar folkcomunicação freqüentavam seminários ministrados pelo professor francês Raymond Cantel, especialista em literatura de cordel. Por que convidáramos um cientista francês, esquecendo tanto pesquisadores brasileiros da área? Argumentei que haviam sido infrutíferas as sondagens feitas a alguns folcloristas brasileiros para desenvolver atividades semelhantes em nossa instituição. Era-lhes difícil superar os preconceitos em relação às indústrias midiáticas, às quais debitavam culpas pelo "desvirtuamento" das manifestações tradicionais da nossa cultura popular.

Contudo, a possibilidade de formar novos jornalistas sintonizados com a agenda da cultura popular brasileira (e não apenas com os temas da cultura erudita) constituía fator capaz de convencer Theo Brandão a superar o patrulhamento da sua comunidade, respaldando o projeto alagoano do curso de jornalismo, motivo da visita à USP.

Infelizmente não tive oportunidade de voltar a dialogar com ele sobre tal iniciativa e assuntos correlatos. Vivíamos tempos difíceis. Perseguido pelo regime militar, eu saí do país por algum tempo, para fazer pós-doutorado nos Estados Unidos.

Quando, em 1975, visitei Alagoas, a convite de Gilberto Freyre, que promovia um seminário itinerante e pluridisciplinar de Ciências Sociais, esperava encontrar Théo Brandão. Mas sua ausência, num evento que reunia tantos intelectuais nordestinos, foi justificada em função da aposentadoria na UFAL. Disseram-me que suas energias estavam concentradas na consolidação do Museu criado com a finalidade de dar suporte aos projetos de pesquisa que ele planejava.

Quando finalmente o Curso de Comunicação Social foi implantado na UFAL, Theo Brandão já se encontrava convalescente, vindo a falecer logo depois. As primeiras gerações

de pesquisadores ali forjados naturalmente se engajaram na restauração do regime democrático, o que explica a presença residual dos temas da cultura popular e de folkcomunicação na agenda investigativa do novo curso. Mas é sintomático que eles reapareçam com vigor na pauta da geração emergente.

Também é importante lembrar que seu discípulo predileto⁵, José Maria Tenório, hoje radicado em Sergipe, integrou-se desde o início à Rede Brasileira de Pesquisa em Folkcomunicação, tendo comparecido à I FOLKCOM - Conferência Brasileira de Folkcomunicação, em São Bernardo do Campo (1998), onde apresentou instigantes comunicações sobre objetos folkcomunicacionais alagoanos.

4. Raízes e antenas

A empatia de Theo Brandão em relação ao campo comunicacional ficou explícita no curso desta narrativa.

Mas, fica no ar uma questão: o que o impulsionou, sempre generosamente, a endossar projetos institucionais como o do curso de jornalismo da UFAL ou a assimilar propostas investigativas como a da folkcomunicação ?

Esse comportamento pró-ativo está enraizado na praxis comunicacional que ele desenvolveu ao longo do seu itinerário intelectual, o que é possível comprovar através de relatos historiográficos.

A entrevista autobiográfica concedida a Bráulio Nascimento (1979) aponta algumas evidências:

1) Batismo de fogo no jornalismo estudantil. Jornal "Eu digo". Anos 20

"....em Maceió (...) fiz o primeiro jornaleco (...) naquele tempo, os jornais escolares eram realmente humorísticos (...) toda a sociedade gostava e então só dava jornal daquele tipo nos colégios, e eu redigi um, a mão, com um colega meu, (...) o que causou muita surpresa (...),

⁵ No prefácio que escreveu para o livro *Folguedos e Danças de Alagoas*, Théo Brandão declara enfaticamente: “Por motivos que não vêm ao caso, alguém houve que não tendo conseguido ingressar na UFAL, posso e devo chamá-lo de discípulo, pois iniciou seus estudos de Antropologia comigo na cátedra, e depois como bolsista, e sobretudo por uma quase constante amizade e intercâmbio de idéias, às vezes, nos últimos anos quase semanais, se tornou depositário do meu pensamento, das minhas idéias, das minhas formulações e até sabedor de quase todos os pormenores de minha vida de estudioso do Folclore. Este discípulo é o professor José Maria Tenório Rocha”. Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, Tenório Rocha faz parte hoje do corpo docente da Universidade Tiradentes, em Aracaju, Sergipe.

porque sendo eu (...) o mais bem comportado da turma, um dia descobrem que sou o principal redator de um jornal de crítica, não só ao colégio, mas, aos alunos."

2) Ingresso na imprensa comunitária. Colaboração literária. 1928.

"... começa então uma colaboração incipiente nos jornaizinhos de Viçosa. Eu escrevi (...) não só poemas, não só versos, mas crônicas (...) ... sobre problemas de Viçosa, e mesmo nos primeiros artigos é sobre folclore viçosense, mostrando a importância do folclore..."

3) Presença na grande imprensa. Divulgação científica. A partir dos anos 40.

"... eu tinha iniciado uma colaboração na Gazeta de Alagoas e no Jornal de Alagoas, eram artigos sobre folclore, artigos de principiante, mas esses trabalhos eram lidos, tinha um certo estilo jornalístico... (...) continuei minha colaboração (...) que era transcrita no Diário de Pernambuco... (...) e eu passei a ser colaborador pago, primeiro em O Jornal, depois no Diário de Notícias (...) durante a década de cinquenta, quase, eu tinha um compromisso de mandar mensalmente um trabalho (...) desde que fosse inédito e tratasse especificamente sobre pesquisas, não comentários a livros ou outras coisas.."

4) Uso das tecnologias de comunicação. Documentação etnográfica.

"...como eu não tinha a memória privilegiada (...) logo cedo verifiquei que teria que gravar, teria que registrar... (...) o primeiro gravador que comprei foi um gravador de acetato... (...) ...depois eu não comprei um gravador de fio (...) porque era complicado demais... (...) ...mas, quando apareceu um gravador de fita de papel, eu o adquiri ... (...) ... depois quando chegou o gravador com duas pistas.... (...) ... quando chegou o de quatro pistas, eu passei para as quatro..."

Outra fonte relevante é a sua performance como comentarista, num jornal diário, episódio documentado no livro *De Rebus Pluribus - Juvenal* (1995). O volume reconstitui a aventura jornalística empreendida por um quarteto alagoano - Carlos Moliterno, Mendonça Junior, Teotônio Vilela e Théó Brandão. Mantendo uma coluna na *Gazeta de Alagoas* nos idos de 1958, eles se alternavam, registrando e analisando a vida cotidiana regional. Embora a autoria dos comentários permaneça indecifrada, o biógrafo de Theo Brandão,

José Maria Tenório (1988), assegura que pelo menos 14 matérias foram escritas pelo folclorista. (Ver Anexo 2)

A leitura não sistemática daqueles textos permite fazer três observações :

- 1) a agilidade com que Théo navega no complexo midiático, manipulando confortavelmente as fontes ensejadas pelo noticiário cotidiano;
- 2) a ênfase que atribui aos temas da cultura popular, projetando-os confortavelmente na coluna de autoria coletiva;
- 3) a atuação como sujeito folkmediático, reapropriando-se do saber popular para formatá-lo de acordo com o estilo, o ritmo e o sabor da cultura de massas.

Mas sua empatia comunicacional também decorre da postura que assume como estudioso do folclore, identificando-se mais com o papel de *divulgador* da cultura popular. Ele demonstra interesse em promover sua socialização, ao invés de perfilar como *guardião* das tradições coletivas, de espada em riste para preservar sua "pureza" e proteger sua "incolumidade". Tanto assim que, desde a fase inicial, suas pesquisas visam esclarecer o grande público sobre a riqueza do patrimônio imaterial do povo alagoano.

A nota introdutória que redige para sua obra de estréia *Folclore de Alagoas* (Maceió, Casa Ramalho, 1949), ressalta a intenção democratizadora.

"Conquanto só uma parte dos trabalhos que aqui se enfeixam tenha sido publicada em jornais e revistas (...), realmente aos demais ainda inéditos estava reservado idêntico destino."

Outro argumento é o conceito de *folclore* que ele patrocina. Theo Brandão filia-se à corrente *culturalista*, encabeçada pelo conterrâneo Arthur Ramos⁶, a quem atribui a influência recebida para se dedicar aos estudos folclóricos.

Se, na obra seminal (1949), já discutia o "abastardamento" e a "desmoralização" da palavra *folclore*, fruto da apropriação indébita das tradições populares pelos artistas eruditos ou pelos produtores industriais, na obra de síntese (1982) ele reitera o caráter "dinâmico" da cultura humana suscetível a mudanças, adaptações e resistências. São exatamente os resíduos, retenções ou sobrevivências culturais, procedentes de "outras

⁶ No entender de Arthur Ramos "folclore não é mero estudo recreativo. É método demo-psicológico de análise do inconsciente das massas." Seu argumento é o de que "o inconsciente folclórico pode ser considerado uma antiga estrutura indiferenciada, que irrompe na vida do civilizado sob a formam de superstições, sobrevivências, valores pré-lógicos, folclore, em suma". (Ramos, 1954., 258-259)

etapas de desenvolvimento", no bojo de uma "cultura mais evoluída", que "vão constituir grande parte daquilo que se denominou de folclore".

Essa compreensão do folclore como "cultura de resistência" demonstra que ele estava antenado ao conceito de folkcomunicação como "cultura dos marginalizados", defendido por Luiz Beltrão e outros estudiosos. Não é sem motivo que Theo Brandão lamenta os rótulos de "heréticos e imaginosos", atribuídos a seus estudos pioneiros sobre o folclore alagoano, celebrando, um quarto de século depois, a confirmação dos seus pontos de vista pelos "modernos pesquisadores" da cultura popular. (BRANDÃO, 1979).

Foi exatamente nessa conjuntura que ele fez vista grossa ao patrulhamento exercido por exegetas do conservacionismo cultural ou pelos defensores do patrimonialismo tradicionalista. Assumindo publicamente a bandeira da "dinâmica do folclore", defendeu políticas públicas destinadas a fomentar o turismo alagoano e modernizar o artesanato regional.

O ensaio "Artesanato e Turismo", publicado pelos "Cadernos de Lazer" do SESC São Paulo (1978), representa o atestado de sua autonomia cognitiva e da sua capacidade de reciclar-se sem perder a dignidade intelectual. Nesse sentido, é que ele reconhece a eficácia do artesanato para a comunicação da cultura regional. Para tanto, dizia ser indispensável sensibilizar os turistas, fisingando-os através de ícones que reproduzissem as identidades locais e as singularidades comunitárias.

“O turista tende a refazer em suas viagens (...) aquela aventura a que já se vinha acostumando desde a infância... (...) Há no turista aquela indispensável dose de romantismo que há em todo homem, romantismo no bom sentido: volta às origens, a busca do desconhecido, à procura de emoções diferentes.(...) Mas (...) o turista sente uma necessidade incrível de documentar sua vivência turística... (...) Ele necessita trazer consigo (...) uma prova provada, palpável de que realmente andou por terras `da Oropa, França e Bahia`... (...) O que deseja é que o objeto seja o que se considera ou se acha próprio, típico ou característico daquele lugar ou região”.

Embora a argumentação seja convincente, o que realmente impressiona no raciocínio de Théo Brandão é a capacidade de pensar holisticamente o folclore na sociedade contemporânea. Ele o entende como “sobrevivências tradicionais e populares” enraizadas na economia de mercado, interagindo no bojo de uma cultura industrial, sem perder de perspectiva sua natureza comunicacional, ou seja, um “sistema de símbolos, signos e sinais” que o homem “aprende, acumula e transmite” para preservar sua “herança social”.

Fontes consultadas:

BELTRÃO, Luiz

1970 - *Comunicação e Folclore*, São Paulo, Melhoramentos

1980 - *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados*, São Paulo, Cortez

2001 - *Folkcomunicação*, Porto Alegre, EDIPUCRS

2004 - *Folkcomunicação, teoria e metodologia*, São Bernardo do Campo, Editora Metodista

BENJAMIN, Roberto Emerson

1998 - *Itinerário de Luiz Beltrão*, Recife, UNICAP

BRANDÃO, Théo

1949 - *Folclore de Alagoas I*, Maceió, Casa Ramalho

1979 - Prefácio, In: TENÓRIO ROCHA, José Maria - *Folguedos e Danças de Alagoas*, Maceió, Comissão Alagoana de Folclore, 1984, p. 13-17

1982 - *Folclore de Alagoas II*, Maceió, Museu Théo Brandão

KOSHIYAMA, Alice Mitika

1971 - *Análise de conteúdo da literatura de cordel*, São Paulo, ECA-USP, 1971, 160 p.

MARQUES DE MELO, José, org.

1971 - *Folkcomunicação*, São Paulo, ECA-USP, 1971, 130 p.

197a - *Cordel e Comunicação*, São Paulo, ECA-USP, 1971, 70 p.

1071b – *Literatura de cordel*, São Paulo, ECA-USP, 1971, 86 p.

1997 – Nos tempos da gloriosa, *Rev. Bras. de Ciências da Comunicação*, 20(2): 13-28

2004 – *A esfinge midiática*, São Paulo, Paulus

NASCIMENTO, Braulio

1979 – Théo Brandão, por ele próprio, In: TENÓRIO ROCHA, José Maria

- *Théo Brandão, mestre do folclore brasileiro*, Maceió, EDUFAL, 1988, p. 23-39

RAMOS, Arthur

1954 – *O folclore negro do Brasil*, 2ª. Ed., Rio de Janeiro, Editora da Casa do Brasil

SOARES, Eliana Moura de Almeida, org.

1995 - *De Rebus Pluribus*, Maceió, Museu Théo Brandão

TENÓRIO ROCHA, José Maria

1988 - *Théo Brandão, mestre do folclore brasileiro*, Maceió, EDUFAL

Anexo 1

Tipologia Folkcomunicacional: classificação dos estudos de Théo Brandão

Amostra: Livros *Folclore de Alagoas* I (1949) e II (1982)

Quadro comparativo

1. Estudos folkcomunicacionais (NA= 32) *

1.1. Folkcomunicação escrita (NA = 3)

1.2. Folkcomunicação oral (NA = 20)

1.3. Folkcomunicação visual (NA = 1)

1.4. Folkcomunicação icônica (NA = 1)

1.5. Folkcomunicação cinética (NA = 7)

2. Est. extra-folkcomunicacionais (NA = 8)

2.1. Folclore material (NA = 2)

2.1. Teoria folclórica (NA = 6)

Total (NA=40)

* NA = Números absolutos

Quadro descritivo

1. Estudos folkcomunicacionais (NA= 32)

1.1. Folkcomunicação escrita (NA = 3)

Romances velhos em Alagoas (1949)

A Xácara de Chapim do Rei em Alagoas (1949)

As cheias de Alagoas e a literatura de cordel (1949)

1.2. Folkcomunicação oral (NA = 20)

Os contos voam (1949)

Advinhas populares (1949)

Cultos Africanos no Brasil (1949)

Ainda as advinhas populares (1949)

A viagem das trovas (1949)

Paremiologia alagoana (1949)

Estórias de Pai João (1949)

O negro e a poesia popular (1949)

Da Europa e do Egito ao Brasil (1949)

Literatura oral em verso (1982)

Literatura oral em prosa: mitos (1982)

Trovas eruditas ou populares? (1982)

Chico Nunes de Palmeira: falas atribuições poéticas (1982)

O miudinho apressado de Manoel Nenen (1982)

O jogo do bicho na poesia popular (1982)

Criação e aproveitamento na poesia folclórica (1982)

Música folclórica (1982)

Excelências e benditos (1982)

Os pregões de trem (1982)

Novíssimos romances do gado (1982)

1.3. Folkcomunicação visual (NA = 1)

Presepes e lapinhas (1982)

1.4. Folkcomunicação icônica (NA = 1)

Artesanato e turismo (1982)

1.5. Folkcomunicação cinética (NA = 7)

Autos folclóricos de Alagoas (1982)

A natividade nos autos populares (1982)

A epifania nos autos populares (1982)

Reinado dos congos e origem dos maracatus (1982)

Carnaval (1982)

Origem do passo (1982)

Rodas de São João (1982)

2. Estudos extra-folkcomunicacionais (NA = 8)

2.1. Folclore material (NA = 2)

A antiguidade dos remédios populares (1949)

Agricultura popular

2.1. Teoria folclórica (NA = 6)

Folclore, uma palavra, uma ciência (1949)

O folclore na arte e na literatura (1949)

Sistematização do folclore alagoano (1949)

O cavalo no folclore (1949)

Conceito antropológico de cultura (1982)

Conceito de folclore (1982)

Anexo 2

Comentários jornalísticos de Théo Brandão

Amostra: *De Rebus Pluribus – Juvenal* (Gazeta de Alagoas, 1958)

Temas focalizados:

Folkcomunicacionais (NA = 10) *

Superstições, lendas e mitos

Linguagem e símbolos

Espetáculos populares

Celebrações religiosas

Efemérides cívicas

Literatura de cordel

Indumentária e moda

Entretenimento e futebol

Lazer náutico e jangadas

Patrimônio lúdico e festas

Extra-folkcomunicacionais (NA= 4) *

Jornalismo

Literatura

Fotografia

Ciência

* NA = números absolutos